

O brasileiro 'O Último Azul' abre o Festival do Cairo



PÁGINAS 4 E 5

Zanna, a voz do Metrô, mostra seu segundo álbum autoral



PÁGINA 7

A química de Marisa Orth e Falabella está nos palcos



PÁGINA 8

#cm

2

QUARTA-FEIRA

Victor Jucá/CinemaScopio

# 'O Agente Secreto'

## DOMINA BILHETERIAS NACIONAIS

Filme de Kleber Mendonça Filho com Wagner Moura atinge 340 mil espectadores e registra melhor abertura nacional do ano, enquanto segue trajetória internacional rumo ao Oscar. **PÁGINA 2**

# Um prova da viabilidade do cinema brasileiro



CinemaScopio

Thriller político ambientado no Recife de 1977 já tem exibição confirmada em 90 países

Por Affonso Nunes

**A** chegada de “O Agente Secreto” aos cinemas brasileiros na primeira semana de novembro materializou algo que o setor cinematográfico nacional persegue há anos: a comprovação de que produções autorais e com brasilidade podem conquistar o grande público sem abrir mão de complexidade narrativa ou ambições estéticas. A chave do sucesso, geralmente, parte de uma história bem contada e, se tiver nosso tempero, tanto melhor.

O longa de Kleber Mendonça Filho protagonizado por Wagner Moura alcançou cerca de 340 mil espectadores entre as sessões antecipadas e o lançamento oficial na últi-



Victor Juca/CinemaScopio

**Maria Fernanda Cândido, Tânia Maria e Carlos Francisco são destaques no elenco de ‘O Agente Secreto’**

CinemaScopio



ma quinta-feira (6), estabelecendo-se como a maior abertura de um filme brasileiro em 2025 e liderando o fim de semana nos cine-

mas do país, segundo dados da Comscore.

O resultado é um feito inédito na filmografia do cineasta pernambucano. Kleber

Mendonça Filho consolidou-se internacionalmente com obras como “O Som ao Redor” e “Aquarius”, que arrancavam aplausos em festivais internacionais, mas sem jamais chegar perto desses números. A performance de “O Agente Secreto” nas bilheteiras brasileiras é a melhor abertura em público de toda a carreira do diretor, superando inclusive “Bacurau”, seu projeto anterior em parceria com Juliano Dornelles, que em 2019 atraiu o público após vencer o Prêmio do Júri em Cannes.

Após anos de oscilações na participação de mercado do cinema brasileiro, intensificadas pelas transformações nos hábitos de consumo durante a pandemia e pelo esvaziamento das políticas públicas de fomento, “O Agente Secreto” foi apenas o segundo longa brasileiro a estreiar na liderança das bilheteiras em 2025, conforme levantamento do Filme B. Com mais de 700 cinemas e 1,4 mil salas em todo o Brasil, a produção registrou o maior alcance de um lançamento brasileiro no ano.

Paralelamente à performance doméstica, “O Agente Secreto” mantém trajetória consistente no circuito internacional. Após estreiar em Cannes, onde Kleber Mendonça Filho conquistou o prêmio de Melhor Diretor e Wagner Moura o de Melhor Ator, o filme passou por mais de 50 festivais, acumulando quase 20 premiações. Recentemente, Moura recebeu novo reconhecimento como melhor ator no Newport Beach Film Festival, nos Estados Unidos, reforçando a recepção positiva de sua atuação. O longa estreou nos cinemas da Alemanha e Portugal, e agora se prepara para o mercado norte-americano, com lançamento em Nova York no dia 26 de novembro, Los Angeles em 5 de dezembro, e posterior expansão nacional. Na França, a estreia está prevista para 17 de dezembro.

A MK2, responsável pela comercialização internacional, confirma lançamento em mais de 90 países, incluindo mercados cinematográficos expressivos como China, México e Coreia do Sul, além de territórios diversos como Grécia, Índia, Nova Zelândia e Finlândia. Essa amplitude distributiva internacional representa não apenas a valorização comercial do projeto, mas também a inserção do cinema brasileiro em circuitos globais de exibição, movimento essencial para a sustentabilidade econômica de produções nacionais de alto orçamento.

O filme representa o Brasil na disputa por uma vaga na categoria de Melhor Filme Internacional do Oscar, competindo ainda pelos prêmios de Melhor Roteiro Original e Melhor Ator no Gotham Awards, uma das principais premiações do cinema independente.

Divulgação



O Carpinteiro, papel de Nicolas Cage, resguarda um menino que pode ser o Cristo em 'Sombras no Deserto'

# Jaula alguma segura Cage

Em meio a uma fase de consagração graças ao fenômeno comercial 'Longlegs', astro volta ao filão do terror com 'Sombras do Deserto', em busca da popularidade de que desfrutou nos anos 1990

Por **Rodrigo Fonseca**  
Especial para o Correio da Manhã

**D**e mãos dadas com o Diabo, numa fase de apogeu comercial dos filmes de terror, o circuito comercial brasileiro abre espaço a partir desta quinta-feira para "Sombras no Deserto" ("The Carpenter's Son"), vislumbrando um potencial êxito de bilheteria no protagonismo de um astro ganhador de Oscar que um dia foi chamariz de multidões: Nicolas Cage. Seu enredo se desenrola no Egito antigo, onde uma família vive escondida, tenta escapar da danação em meio a um segredo que não pode ser revelado.

Referências ao Evangelho pontuam o roteiro. Entre as areias de um deserto sedento para dragar

vidas humanas, um sujeito chamado Carpinteiro (Cage), sua esposa (FKA twigs) e um menino (Noah Jupe), que pode ser o Jesus do Novo Testamento, sobrevivem entre a fé e o medo de serem encontrados. Quando uma presença sombria cruza seu caminho, o guri começa a questionar tudo em que acredita, despertando forças que nem ele é capaz de compreender. À medida que seu dom cresce, o confronto entre o Sagrado e o desconhecido se inicia.

Cage tem uma atuação que promete aplausos, quase tanto quanto os arrancados por ele nas sessões do thriller "The Surfer" na Mostra de São Paulo de 2023. Nessa produção lançada no festival de Cannes, há um ano, nada cria mais angústia do que uma sequência de brutalidade envolvendo um copo de café, quando seu protagonista tenta dar

um golinho na bebida quente após uma excursão por um inferno cercado de ondas. Sob a direção tensa de Lorcan Finnegan, esse suspense matou as saudades da Croisette daquele Cage cheio de som e de fúria que tomou o cinema de assalto na década de 1990, em longas como "Coração Selvagem" (Palma de Ouro de 1990).

Paralelamente a "The Surfer", Cage renovou sua popularidade ao estrelar "Longlegs - Vínculo Mortal", que se transformou no maior êxito recente de sua carreira, com quase US\$ 110 milhões em sua arrecadação. Comparado a "O Silêncio dos Inocentes" (1991), essa produção de Osgood Perkins, hoje na Amazon Prime, escala o ator de 61 anos no papel de um serial killer assombroso, apelidado por si mesmo de Longlegs, que é caçado pela

agente do FBI Lee Harker (vivida por Maika Monroe). O desempenho de Cage arrancou elogios em uníssono da crítica internacional. O regresso dele aos holofotes do circuito americano e à cena dos festivais (com "The Surfer") fez com que um cult recente da carreira do ator, considerado por parte da crítica seu melhor trabalho nos anos 2010, fosse redescoberto pelas plataformas de streaming: "Mandy - Sede de Vingança" (2018).

Afogado em dívidas por conta de um acordo de separação que lhe custou milhões de dólares, Cage vinha no piloto automático há anos, somando um filme ruim atrás do outro, até "Mandy" aparecer. Embora seja B (de bruto) até o osso, com litros de sangue a espirrar pelas telas, o thriller sobrenatural de Panos Cosmatos foi ovacionado

por público e crítica no 71. Festival de Cannes, onde foi exibido na mostra Quinzena de Cineastas. Sua sanguinolência ganha uma representação gourmet numa fotografia de alto requinte, capaz de valorizar as cores berrantes de sua linguagem de videoclipe até gerar uma experiência sensorial rara. Cage, que vinha em estado de letargia, dá uma performance em estado de graça, doida, selvagem como fazia nos tempos de "A Outra Face" (1997), num tempo em que reinava sob Hollywood.

"Existem sofrimentos em todo personagem e é isso o que me atrai na arte de atuar: dar voz a essas cicatrizes", disse Cage, lá atrás, em 1996, quando ganhou o Oscar por "Despedida em Las Vegas". Ele retomou o discurso com "Mandy", que ganha uma sobrevida mundo afora em meio à estreia de "Sombras no Deserto". Hoje, no planisfério cinéfilo, geral quer Cage em papéis enraivecidos.

À época da passagem de "Mandy" por Cannes, ele não foi à Quinzena, mas fez um discurso existencialista similar nas sessões desse filmaço no Festival de Sundance, nos EUA. No longa de Cosmatos, ele é um serralheiro cuja companheira é morta por uma seita hippie que cultua o Mal. Há integrantes dessa igreja com feições de monstro, mas ao escapar deles, Cage vai partir para uma vingança usando um machado de prata e uma serra elétrica sedenta pelos coágulos alheios. Falando assim... parece um filme trash... e é... mas um trash de autor, com um requinte plástico que muitos longas-metragens europeus ou asiáticos de Cannes não têm.

Morto em 2005, o pai de Panos é ninguém menos do que George Pan Cosmatos, diretor de iguarias do cinema de ação como "Stallone Cobra" (1986), recentemente exibido (e debatido) na Cinemateca Francesa, em Paris. O desenho do personagem de Cage é similar aos dos heróis politicamente incorretos daquele tempo. Marola similar o cerca em "Sombras no Deserto", que há de apavorar salas de projeção.

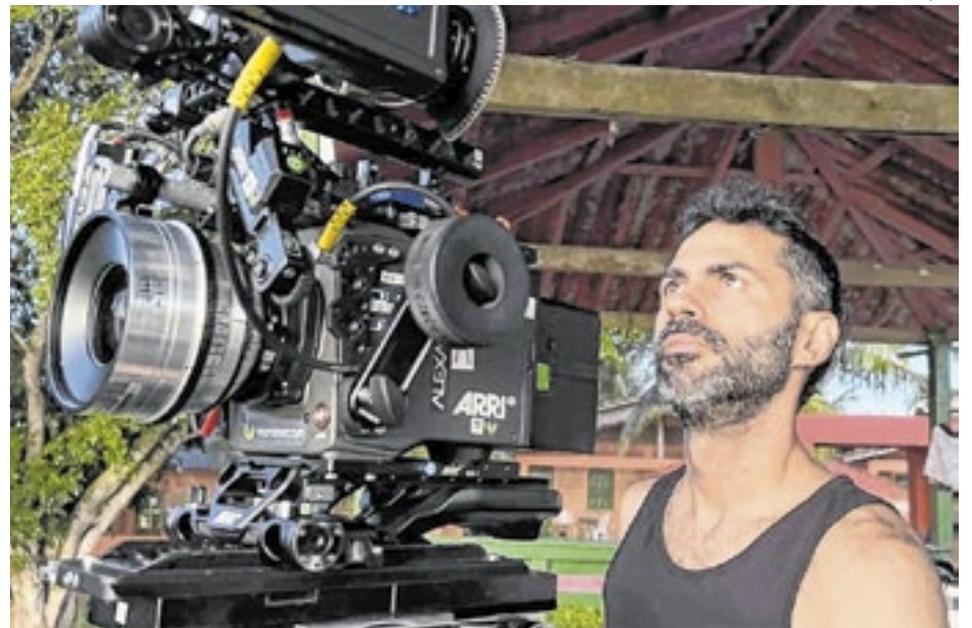
Para 2026, a voz de Cage será ouvida na série "Spider-Noir", derivada das HQs do Homem-Aranha.

Guillermo Garza/Divulgação



Rodrigo Santoro e Denise Weinberg em 'O Último Azul'

Guillermo Garza/Divulgação



Gabriel Mascaro no set: 'Vou da utopia para chegar à distopia'

# Tudo azul...ainda



Ganhador do Grande Prêmio do Júri na Berlinale, filme do pernambucano Gabriel Mascaro

ambientado em solo amazônico abre o Festival do Cairo e segue para a Estônia

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**C**om cerca de 185 mil ingressos vendidos em circuito nacional, “O Último Azul” não cessa de dar alegrias para o Brasil, levando nosso audiovisual planeta adentro, a extremos geográficos da Terra. Transformado em ímã para o olhar estrangeiro depois de conquistar o Grande Prêmio do Júri da 75ª Berlinale, em fevereiro, a produção ambientada na paisagem fluvial amazônica vai ao Egito nesta quarta-feira, com a missão de abrir a 46ª edição do Festival do Cairo. Gabriel Mascaro, seu realizador, conquista com essa escalação mais prestígio e um lugar estratégico no planisfério audiovisual.

Ponto de conexão (e de fricção, pelo uso do Árabe como língua) entre a África e o Oriente Médio, a terra dos faraós iniciou sua maratona cinéfila em 1976 e fez dela numa vitrine para reflexões estéticas – e para longas perfumados com cheiro de Oscar.

Por lá, até o próximo dia 21, tem competição oficial com direito a uma estatueta afinada com o maior patrimônio cultural de seu povo (o troféu se chama Pirâmide de Ouro). Para julgar quem leva para casa essa precio-

sidade, entra em campo um júri estelar, cuja presidência, este ano, fica a cargo do cineasta Nuri Bilge Ceylan, mais respeitado realizador da Turquia na atualidade, premiado em Cannes, com “Climas” (2006), “3 Macacos” (2008), “Era uma Vez na Anatólia” (2011) e “Sono de Inverno” (que saiu da Croisette com a Palma dourada de 2014). O Cairo promove ainda painéis de discussão com estandartes das lutas antisssexistas, como a atriz palestina Hiam Abbas (que vive Marcia Roy

Divulgação



The Things You Kill

Divulgação



Exile

Divulgação



Once Upon a Time in Gaza

Divulgação



Renovation

no seriado “Succession”) e a diretora húngara Ildikó Enyedi (ganhadora do Urso de Ouro por “Corpo e Alma”). Tem também projeção de prata da casa, com uma seleção só de joias egípcias inéditas, como “Action, Nadia, Cut!”, de Salma El Sharnouby, e “Silver Tongue”, de Omar Ali. No meio disso tudo, a brasilidade aflora, com o CEP da Amazônia, filmada por Mascaro, egresso de Pernambuco. “Ventos de Agosto” (2014) abriu a gira de sua consagração, que hoje desperta a curiosidade

de quem vive cerca das esfinges.

O esplendor da maior floresta do mundo, enquadrado por Mascaro sob vetores de realismo mágico, desloca-se do Cairo para a Estônia, porção báltica da Europa, no próximo dia 16, onde “O Último Azul” terá uma sessão no festival POFF Tallin Black Nights. “O Agente Secreto”, de Kleber Mendonça Filho, também será projetado lá. Anualmente, essa celebração estoniana da diversidade cinematográfica abre espaço para filmes do Brasil,

**OS 14 FILMES EM DISPUTA PELA PIRÂMIDE DE OURO DE 2025**

- \* **“Exile”** de Mehdi Hmili (Tunísia)
- \* **“The Things You Kill”**, de Alireza Khatami (Turquia)
- \* **“Renovation”**, de Gabriele Urbonaite (Lituânia)
- \* **“Souraya, Mon Amour”**, de Nicolas Khoury (Líbano)
- \* **“The Silent Run”**, de Marta Bergman (Bélgica)
- \* **“Zafzifa”**, de Peter Sant (Malta) | 99 min | 2025 (Marrocos)
- \* **“Once Upon a Time in Gaza”**, de Tarzan & Arab Nasser (Palestina)
- \* **“Death Does Not Exist”**, de Félix Dufour-Laperrière (Canadá)
- \* **“Sand City”**, de Mahdee Hasan (Bangladesh)
- \* **“One More Show”**, de Mai Saad & Ahmed Eldanf (Egito)
- \* **“Dragonfly”**, de Paul Andrew Williams (Reino Unido)
- \* **“A Son”**, de Nacho La Casa (Espanha)
- \* **“As We Breathe”**, de Seyhmus Altun (Turquia)
- \* **“Calle Malaga”**, de Maryam Touzani (Marrocos)



**Souraya, Mon Amour**



**Calle Málaga**



**The Silent Run**



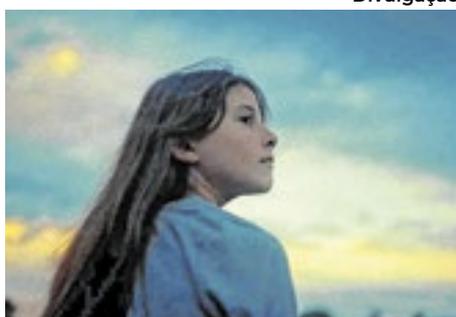
**Death Does Not Exist**



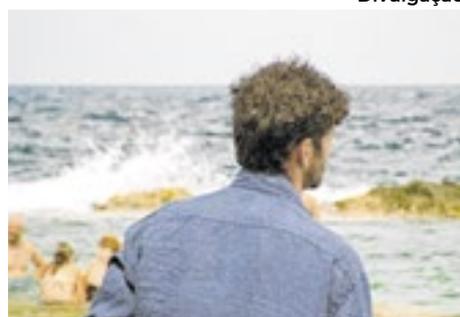
**Sand City**



**Dragonfly**



**As We Breathe**



**Zafzifa**

assim como o Cairo, abrindo-se a grandes achados sul-americanos, endossados previamente por Berlim, Cannes e Veneza.

Às vésperas do carnaval, a Alemanha referendou o trabalho de Mascaro, que, dez anos atrás, venceu o Festival do Rio e ganhou o Prêmio do Júri dos Horizontes venezianos, no Lido, com “Boi Neon”. Uma ovação em forma de urro contagiou a Berlinale Palast, debaixo de dois graus do frio, ao fim da exibição de “O Último Azul” na luta pelo Urso

de Ouro de 2025. Guadalajara, Sydney, Valladolid e Buenos Aires também exibiram o longa em seus festivais e celebraram a destreza do realizador de “Divino Amor” (2019) ao guiar a câmera por afluentes do Amazonas, driblando os clichês na representação daquela selva.

“Vou da utopia para chegar à distopia”, disse Mascaro ao Correio da Manhã, no Rio Grande do Sul, quando “O Último Azul” abriu o Festival de Gramado, em agosto. “É

“Esse projeto foi um presente. Na Amazônia, tudo o que um ator não pode fazer é atrapalhar o roteiro. Para isso, eu escuto o texto”, disse Denise, coroada no México com o prêmio Maguey por sua atuação.

Além de um Urso prateado, esse river movie existencialista ganhou da Berlinale o Prêmio do Júri Ecumênico e um mimo de leitores/as do jornal germânico “Berliner Morgenpost”. Cada uma dessas vitórias atraiu holofotes para Denise, que nunca se deixou encantar pela badalação.

“Aquele cenário era um palco, cheio de árvores, e eu olhava para ele reverente. Há sempre que se ter reverência pelo local em que se trabalha. Ali, a Natureza é muito potente”, explica a atriz.

Liberdade é a tônica do Festival do Cairo, num embate histórico contra mordanças morais do Islã. Escolha mais acertada para a abertura de sua programação, impossível, em especial pela presença luminosa de uma estrela (também) hollywoodiana no elenco de Mascaro: o ator petropolitano Rodrigo Santoro. Consagrado com sucessos na TV (“Westworld”), nos streamings (“7 Prisioneiros”) e na telona, entre “Carandiru” (2003), “300” (2007) e o recente “O Filho de Mil Homens”, ele tem uma interpretação visceral em “O Último Azul”. Seu personagem, Cadu, é um barqueiro que corre pelos rios amazônicos com a tristeza de ter perdido uma paixão, sua companheira Deusinha.

“Vejo no filme a importância de um homem tomar contato com sua fragilidade”, disse Santoro ao Correio. “A floresta é professora. Aprendi tanto. Cheguei da cidade totalmente fora da sintonia. Aos poucos, fui sintonizando com o tempo e o espaço daquele lugar. Quando percebi, já estava conectado, escutando os sons da mata nos Igarapés”.

Organizado sob a direção artística do curador Mohamed Tarek, o Festival do Cairo vai encerrar suas atividades com a entrega das Pirâmides de Ouro, Prata e Bronze no dia 21, quando exibe “A Voz de Hindi Rajab”. Apesar da torcida por “O Agente Secreto”, as maiores chances de Oscar para um filme de língua não inglesa de 2026 parecem estar com esse penoso ensaio entre relato real e encenação da diretora tunisiana Kaouther Ben Hania, responsável por “As 4 Filhas de Olfa” (2023). A partir do áudio original de uma menina palestina que ficou num tiroteio na Faixa de Gaza, em janeiro de 2024, essa cineasta reconstituiu a luta de um grupo de voluntários para tentar resgatá-la. A produção ganhou o Grande Prêmio do Júri em Veneza e o Troféu Cidade de Donostia em San Sebastián. Promete agora levar o Egito a um Nilo de lágrimas.

um ensaio fantástico com a Amazônia em toda sua contradição”.

No enredo que o Festival do Cairo confere esta noite, o governo brasileiro passa a transferir idosos para uma colônia habitacional para “desfrutarem” seus últimos anos de vida em isolamento. Antes de seu exílio compulsório, Tereza, uma mulher de 77 anos (vida por Denise em colossal atuação), embarca em uma jornada para realizar seu último desejo: ter dignidade... para com ela ser livre.

# Da ilusão à superação

Produzido por Zeca Baleiro, álbum visual de Daíra chega ao YouTube com 12 vídeos que narram trajetória de superação de relacionamentos abusivos

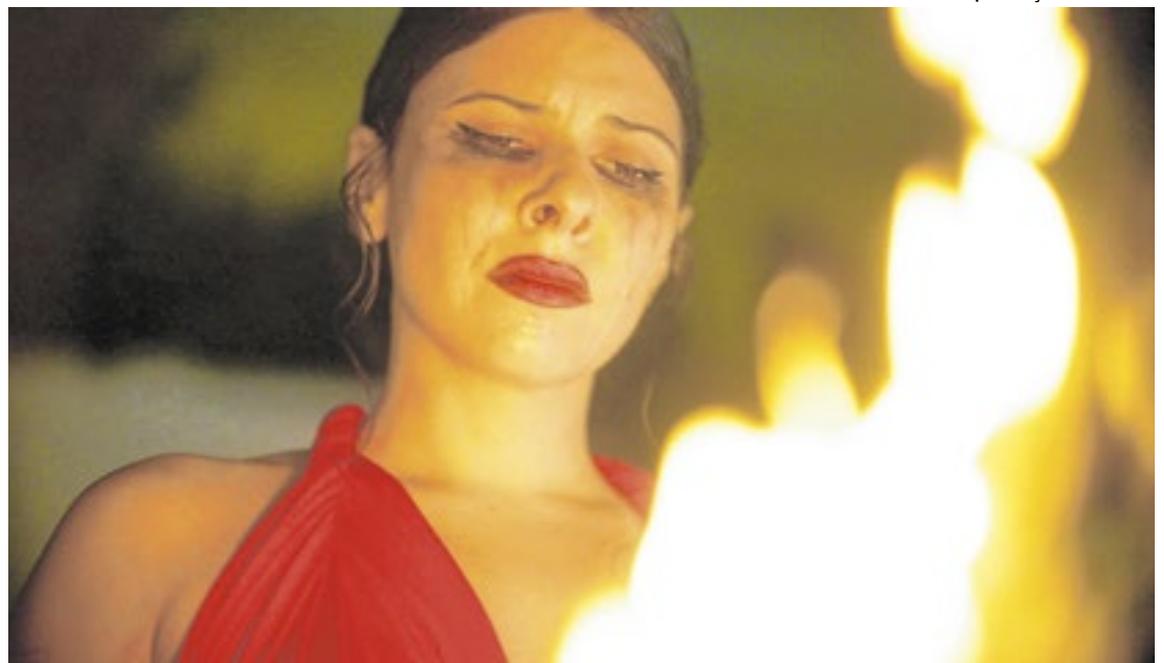
Por **Afonso Nunes**

**D**aíra estreia uma nova fase de sua carreira nesta quarta-feira (12), quando disponibiliza em seu canal no YouTube o álbum visual “Nada de Se Matar ou Morrer de Amor”. O projeto, que marca a consolidação da cantora como compositora e intérprete autoral, traz 12 vídeos para as faixas do disco, além de um filme de 40 minutos que reúne toda a obra em uma narrativa única. A produção do álbum é assinada por Zeca Baleiro, que a convidou para integrar seu selo Saravá Discos.

“A Daíra é uma cantora de quem eu sou muito fã. Canta muito, algo nela me lembrou um pouco da che-

gada da Cássia (Eller)”, declarou o cantor, compositor e produtor.

O conceito do álbum estruturou-se em dois movimentos distintos. No lado A, Daíra mergulha no universo das ilusões amorosas e na percepção gradual de ter sido vítima de lovebombing, técnica de manipulação afetiva caracterizada por demonstrações excessivas de afeto seguidas de abandono. O lado B traz a virada, na qual a personagem reconstrói sua força através de referências femininas e da espiritualidade. “Nada de Se Matar ou Morrer de Amor” parte da minha própria história — a de uma mulher atravessando um lovebombing (alguns), ghostings e feridas. Em ‘Deus é Mulher’ e ‘Como Frida Kahlo Não Me Calo’, canto



Daíra em uma das cenas do álbum visual ‘Nada de Se Matar ou Morrer de Amor’

uma cura que nasce de dentro, até chegar em ‘Quem Vem de Lá, onde transformo a dor com a espiritualidade’, explica a artista, que canta em português, inglês e espanhol ao longo do trabalho. “O disco percorre das sombras do romantismo tóxico consigo mesma até a luz do amor próprio”, completa.

A própria Daíra assina a direção geral do audiovisual, com fotografia e edição de Iris Cristine. Entre as referências cinematográficas do projeto estão filmes como

“The Love Witch”, “A Cor Romã”, “Eu Sei Que Vou Te Amar”, com Fernanda Torres, e “Eu Te Amo”, com Sonia Braga. A faixa “Pra Sentar num Bar” homenageia a cultura nordestina ao trazer Zeca Baleiro no papel do Santo Casamenteiro, numa alusão ao “Auto da Compadecida”. A versão integral inclui ainda uma poesia-manifesto escrita e interpretada pela artista sobre a condição de criar no Brasil de hoje.

A trajetória desta artista niteroiense começou aos 10 anos,

quando venceu o concurso de calouros do “Gente Inocente”, da TV Globo. Seu primeiro disco, “Flor”, de 2014, foi selecionado pelo Prêmio da Música Brasileira. Foi com “Amar e Mudar as Coisas: Daíra canta Belchior”, iniciado em 2016, que alcançou projeção nacional, conquistando o apoio de Elba Rammalho, sua madrinha musical, e milhões de reproduções digitais. O show de lançamento do novo trabalho será no próximo dia 28, no Blue Note Rio.

## CRÍTICA / DISCO / ENTRE FLORES E DORES

Por **Aquiles Rique Reis\***

Hoje falaremos de Caike Souza, um jovem cantor e compositor de 24 anos, natural de Arcoverde (PE), que está lançando o seu primeiro álbum autoral, “Entre Flores e Dores”. Sem rebuscamentos harmônicos, suas melodias soam leves e emolduram seus versos acertados. Impressiona a voz de tenorino recém-entrado na idade adulta. Afinado, seu timbre agudo realça seus versos por vezes tristes, e noutros, o amor juvenil predomina. Isto lhe dá o privilégio de se fazer compreender pela sinceridade que carrega em si. Às músicas. Ouça o álbum em <https://11nk.dev/3l00M>

“Você Posterga”: o pop alegre vem com a voz dobrada e aguda de Caike. O naipe de sopros logo

entrega para a guitarra improvisar. “Algo Me Chama”: a levada anterior dá lugar a uma canção que faz o cantor brilhar. “Nas Coisas Tão Mais Lindas”: as cordas soam belas no arranjo do Maestro Caixote. Valendo-se de vibrato na voz (por vezes excessivo), a letra vem aos borbotões. A pegada encorpa pela delicadeza das cordas.

“Balançar Com Você”: com participação do cantor Saulo Fernandes, os metais e a guitarra dão o tom exato pro pop. “Acho Bom Você Parar”: o canto vem à capella. Violões e sintetizadores criam a atmosfera para que a flauta se sobressaia. O teclado assume o intermezzo. Logo após a virada da bateria de Thiago Big Rabelo, volta a flauta e encaminha o arranjo ao final.

“Sem Pisar no Chão”: a forro-

## Um astro pop

Divulgação



zeira Solange Almeida participa da gravação. O sax toca o intermezzo. “Metro”: uma bela canção que traz a voz dobrada de Caike em agudos certos. “Resto de Amor”: levada apenas pelos pia-

nos de André Freitas dos Santos, esta, sem dúvida, é a canção mais elaborada do álbum.

“Há de Ser Pra Sempre”: com participação de Martins, um dos nomes da cena musical pernambucana, é outra linda canção. Após a virada da bateria, o arranjo modula e Caike retorna à sua praia segura, onde surfa em segurança. “Demorar em Você”: o samba sugere que fechará a tampa. O violão leva suave. O pop logo reassume o lugar no coração do moço.

Assim, Caike Souza mostra sua cara e assume o risco calculado de se tornar protagonista da música pop brasileira. Chegar ao estrelato nacional parece óbvio. Mas manter-se lá dependerá de sua capacidade de se reinventar tanto musical quanto vocalmente.

## Ficha técnica

Jeff Pina: arranjos de base e produção; Thiago Big Rabelo: bateria; Alexandre Mesquita: baixo; André Freitas Santos: teclados/piano; Jefferson dos Santos Pinas: guitarras/violões e sintetizadores; Caio Henrique: saxofone; Feldeman de Oliveira Lacerda: trombone e arranjo de metais; Luiz Gabriel de Souza: trompete; Marlon Cordeiro: saxofone/flauta; Aramis Abelardo da Rocha: violino 1; Robson Abelardo Rocha: violino 2; Daniel Pires da Silva: viola; Deni Rocha Feijó: cello; Raphael Ota: captação de vozes; Victor Nery: gravação de base; Zeca Leme: captação de metais; Adelcio Custódio: mixagem e masterização.

\*Vocalista do MPB4 e escritor

# Próxima estação, Blue Note Rio!

Locutora oficial do Metrô Rio, Zanna apresenta nesta quarta as canções do álbum 'Reflexo', seu segundo trabalho autoral

Por **Affonso Nunes**

**P**ara os cariocas que diariamente ouvem seus avisos sonoros nas estações do metrô, a voz de Zanna é uma companheira familiar do deslocamento de cada dia. Essa mesma voz que orienta passageiros apresenta nesta quarta-feira (12), às 20h, no Blue Note Rio, as canções de "Reflexo", seu segundo álbum autoral, um trabalho que reforça sua trajetória musical marcada pela sofisticação e pela sensibilidade.

MPB, samba-rock, pop acústico fazem parte do vagão musical pilotado pela artista de assumidas influências do soul, jazz e música brasileira de raiz. Com direção musi-

Divulgação



cal da própria Zanna e coprodução de Alexandre Kassin, o espetáculo traz arranjos elaborados pelo maestro Eduardo Farias, revelando uma artista que tem algo a dizer. No palco, a voz e violão de Zanna recebem a companhia de Kassin (baixo), Leticia Mayara (bateria), João Gaspar (guitarras), Sofia Ceccato (flautas), Janaina Salles (cello) e Grazie Wirtti (vocaís).

O repertório mistura as faixas originais de "Reflexo" com sucessos de seu álbum de estreia, lançado em 2017 e que lhe rendeu três indicações ao Grammy Latino nas categorias de Melhor Álbum de MPB, Melhor Álbum de Engenharia de Gravação e Produtor do Ano. Entre as canções, destaque para duas homenagens especiais: "Baila Comigo", de Rita Lee, e "Drão", de Gilberto Gil, dedicada à força e coragem de Preta Gil.

Fundadora da Zanna Sound, agência especializada em sound branding, e autora do livro "Sound Branding – A Vida Sonora das Marcas", também tem a voz ecoando nos aeroportos Santos Dumont e Congonhas. Vale à pena embarcar nesta viagem com Zanna. Próxima estação, Blue Note Rio!

**Com indicações anteriores ao Grammy Latino, Zanna mostra a sofisticação de seu repertório autoral no Blue Note**

## SERVIÇO

### ZANNA - REFLEXO

Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana) | 12/11, às 20h  
Ingressos a partir de R\$ 60

## ROTEIRO MUSICAL

PO R **AFFONSO NUNES**

### Tributo aos mestres

O trombonista e musicólogo Osmário Jr. apresenta nesta quarta (12) um tributo a dois mestres do instrumento: J. J. Johnson e Raul de Souza. Johnson, considerado um dos maiores nomes do jazz, revolucionou o instrumento ao incorporar o bebop e tocou com Miles Davis e Dizzy Gillespie. Ícone do jazz brasileiro, Raul integrou a banda de Cannonball Adderley nos EUA e gravou o álbum "Colors" (1974) com Johnson como diretor musical. Acompanham Osmário Vitor Barros (guitarra), Daniel Kena (baixo) e Elly Werneck (bateria).

Divulgação



Divulgação



### Versões e autoridades

O cantor e violonista Fi Bueno se apresenta nesta quarta (12), às 22h30, no Blue Note Rio, com participação especial de Sandra Sá. A direção musical é de Guto Graça Mello, e a banda conta com Paulo Calasans (teclados), Jurim Moreira (bateria) e Paulo César Barros (baixo) – músicos que já acompanharam artistas como Djavan, Gal Costa e Roberto Carlos. O repertório inclui composições autorais e releituras de clássicos como "Tanta Saudade", "Esotérico" e "Dona da Minha Cabeça", faixas do álbum autoral do artista, "Litoral", lançado em 2022.

Divulgação



### Repertório eclético

A cantora Dilma Oliveira se apresenta nesta quarta-feira (12), às 21h, no Botte's Bar, do Beco das Garrafas. Com voz grave e envolvente, ela transita entre bossa nova, samba, MPB, blues e jazz. Vinda do gospel, a cantora já dividiu palco com Nelson Cavaquinho, Tereza Cristina e Almir Guineto. Participou de programas como Máquina da Fama, Canta Comigo e The Voice Brasil. Sua trajetória inclui passagens por casas tradicionais da música carioca, consolidando-se como nome importante da cena musical local, com um repertório elegante e eclético.



# A química está no ar

*O personagem de Falabella retorna no mundo dos mortos para partilhar uma noite de memórias com a mulher viva por Marisa Orth*

Parceiros de “Sai de Baixo”, Miguel Falabella e Marisa Orth estão em temporada no Rio com comédia romântica sobre amor, memória e despedida

**D**epois de conquistarem gerações de telespectadores em programas como “Sai de Baixo” e “Toma Lá, Dá Cá”, Marisa Orth e Miguel Falabella voltam a trabalhar juntos, desta vez nos palcos. A dupla protagoniza “Fica Comigo Esta Noite”, comédia romântica de Flavio de Souza com direção de Bruno Guida, em cartaz no Teatro Casa Grande. Após temporada bem-sucedida em São Paulo e circulação por sete cidades de Portugal, a montagem agora permite ao público carioca acompa-

nhar o reencontro de uma dupla que representa quarenta anos de amizade e parceria na história da comédia brasileira.

Para Marisa Orth, o trabalho assume importância particular. “É de longe, a mais engraçada das três versões que participei”, afirmou a atriz em entrevista recente, referindo-se às montagens anteriores em 1988 com Carlos Moreno e em 2007 com Murilo Benício. Ela descreve a peça como “muito significativa” para sua vida neste momento. Marisa o considera, sem hesitar, seu “parceiro mais engraçado”.

A dramaturgia acompanha uma situação inusitada: uma mulher recebe amigos e familiares para o velório do marido, mas decide velá-lo no quarto, deixando o caixão estrategicamente posicionado na porta, o que atrapalha a circulação dos convidados. A viúva estabelece um prazo limite para as condolências — todos devem partir até a meia-noite, pois ela prometeu ao marido que passariam juntos a última noite. Até que o próprio morto, interpretado por Falabella, aparece em cena para comentar tudo o que acontece ao seu redor.

O texto equilibra humor e melancolia ao explorar a relação entre memória e presença, revelando a trajetória de um casal que construiu uma vida em comum, com seus risos, segredos e cumplicidades.

Falabella reforça que “Fica Comigo Esta Noite” lhe dá a oportunidade de explorar um

personagem que observa, comenta e interage com a própria despedida.

E justamente por esse gosto pela interação que o ator, diretor e dramaturgo vem criticando o crescente problema do uso de celulares durante apresentações. “Não entra na cabeça como alguém vai ao teatro, paga ingresso e fica no WhatsApp”, desabafa. Do palco, o ator diz que consegue perceber facilmente o brilho das telas entre o público, o que pode interromper o ritmo da peça e revela que já se aproximou de uma espectadora no setor VIP que estava com celular para sugerir que verificasse suas mensagens no saguão.

A direção de Bruno Guida atualiza um texto que já demonstrou sua força ao longo dos anos, resistindo a diferentes montagens e elencos. Na década de 1990, Débora Bloch e Luiz Fernando Guimarães protagoni-

zaram uma versão que também conquistou o público.

Com cenário de Stella Tenenbaum, iluminação de Anna Turra e figurinos de Theodoro Cochrane, a montagem cria a atmosfera intimista necessária para uma história que se passa em grande parte dentro de um quarto — um espaço que se torna palco de descobertas, risos e emoções contidas.

O público carioca tem até o dia 30 para vivenciar no palco a química, já provada e comprovada, desta dupla.

## SERVIÇO

### FICA COMIGO ESTA NOITE

Teatro Casa Grande (Av. Afrânio de Melo Franco, 290 - Leblon)  
Até 30/11, sextas (20h), sábados (17h e 20h) e domingos (18h)  
Ingressos entre R\$ 170 a R\$ 220